

# PORTAL CARTACAPITAL: ANÁLISE DAS REPORTAGENS SOBRE CRIANÇAS SÍRIAS REFUGIADAS

*Data da submissão: 18/10/2023*

*Data de aceite: 01/12/2023*

### **Miriã de Almeida Vieira Guimarães**

Graduada em Jornalismo na Universidade de Sorocaba Sorocaba – SP

**RESUMO:** Este artigo apresenta a análise da cobertura jornalística do portal CartaCapital com a temática “crianças sírias refugiadas”, a partir da análise de conteúdo de cinco reportagens, veiculadas entre 2013 e 2017. Os objetivos desta pesquisa estão em identificar a linguagem jornalística utilizada nas reportagens, analisar quais os termos utilizados nas reportagens com relação às pessoas que deixaram seus países e apontar qual a técnica jornalística que se aplica nas coberturas que envolvem crianças refugiadas. Os principais autores para o desenvolvimento desta pesquisa foram: Wesley de Lima, Ana Carolina dos Santos, Danny Zahreddine e Laurence Bardin.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo. CartaCapital. Crianças. Refugiadas. Síria.

## 1 | INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se propõe a analisar o conteúdo jornalístico do portal CartaCapital

sobre as crianças sírias refugiadas, entre 2013 e 2017. A escolha do tema se justifica pelas seguintes problemáticas sociais: o aumento da crise migratória devido ao conflito sírio e seu efeito na vida das crianças que se enquadram nessa crise.

Os motivos mais evidenciados sobre o conflito sírio é a busca da emancipação do território, que mantém uma diversidade étnica e religiosa, e a luta do povo sírio contra o governo do atual presidente Bashar al Assad para obter melhores condições de vida. (ZAHREDDINE, 2013)

Devido aos ataques, tanto dos grupos rebeldes contra o governo e do governo em resposta, as cidades que compõem o território acabam sendo destruídas, juntamente com seus moradores. (ZAHREDDINE, 2013)

Além disso, o conflito sírio é evidenciado pelo poder de forças externas, o que reflete em mais ataques e violências no território, uma vez que grandes potências mundiais participam desse combate. Através desses ataques e destruição, muitos são obrigados a partir

de seus lares para encontrar refúgio, oportunidades e paz em outros territórios, gerando assim a crise migratória. (ZAHREDDINE, 2013)

Os grupos que partem enfrentam nessa jornada diversos desafios, entre eles fome, dificuldades nas travessias, explorações por outros grupos, doenças e até mesmo a morte. Juntos deles, milhares de crianças fazem o mesmo percurso e nelas o impacto é maior, devido a sua fragilidade, tanto física como psicológica. (SANTOS, 2012)

Segundo a CartaCapital, na reportagem “Crianças representam metade dos refugiados”<sup>1</sup>, da Deutsche Welle, publicada em 07 de setembro de 2016, as crianças representavam metade dos refugiados, com referência ao início da Crise em 2011.

Para investigar como o portal CartaCapital aborda as crianças sírias refugiadas, aplicamos a Análise de Conteúdo, com princípios no método de categorização, com referência à Laurence Bardin (1994).

Foi necessário realizar um resgate histórico sobre o território sírio, desde a sua formação até o conflito atual. Através desse levantamento chegamos à parte dos refugiados, apresentando conceito e obtenção dos direitos de refugiado, abrangendo também as crianças. Os referências teóricos para abordar esses dois temas foram os autores Danny Zahreddine (2013), Wesley de Lima (2015) e Ana Carolina Carvalho dos Santos (2012). As organizações também serviram como referencial, como exemplo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Como o veículo escolhido e estudado para essa pesquisa foi portal “CartaCapital”, realizamos um resgate da história do veículo, desde sua formação como revista até sua migração para o portal online, utilizando como referencial teórico o próprio portal e a Mídia Kit.

As cinco reportagens selecionadas, foram as seguintes: “Síria: há mais crianças refugiadas do que na escola, mostra ONU”, “As feridas emocionais das crianças refugiadas”, “Crianças representam metade dos refugiados”, “Um brasileiro dá voz a crianças refugiadas na Europa” e “Síria vive crise de saúde mental infantil”.

## 2 | SÍRIA E REFUGIADOS

Devido a sua posição geográfica, no Mediterrâneo Oriental, contendo grandes rios e terras boas para as atividades de agricultura, a atual Síria sempre despertou interesses das nações. Em 1920, a França recebeu da Liga das Nações o mandato sobre os territórios dos atuais Líbano e Síria, ambos marcados por elementos étnicos e religiosos. Para governar os franceses adotaram a seguinte política: “dividir para governar.” (ZAHREDDINE, 2013)

Através dessa decisão, foi criada seis províncias, entre elas: o Estado de Alepo, o Estado de Damasco, o Estado de JabalDruze, o Estado Aluita, a Província de Alexandreta e o Grande Líbano. De acordo com Moraes e Alencar (2018), a consequência disso foi um

<sup>1</sup> DEUTSCHE WELLE. Crianças representam metade dos refugiados. Publicado 07/09/2016. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/criancas-representam-metade-dos-refugiados>>. Acesso em 15 set. 2017.

território fragmentado do ponto de vista étnico religioso que:

[...] historicamente levou a diversos movimentos separatistas no país, havendo vários processos de emancipação até a consolidação final do território sírio em 1946, quando o país se independentizou da França. (MORAIS; ALENCAR, 2018, p.4)

Em 1925, se teve início à revolta árabe, que visava deter o processo de fragmentação do território árabe, e tinha como principal objetivo expulsar os franceses da Síria. (ZAHREDDINE, 2013). Após esse período, a Síria formalizou sua independência em 1946, mantendo em sua população uma maioria formada **por** muçulmanos sunitas (70% da população) e minorias como os cristãos, alauitas, drusos e outros. (ZAHREDDINE, 2013)

A busca por adequar as aspirações de todas estas comunidades é algo difícil, em função de características próprias da sociedade árabe, muito ligada aos laços familiares e clânicos, reforçados por princípios de mérito e honradez. (Zahreddine, 2013, apud. HOURANI, 1994, p.13)

Vítima de vários golpes militares, a Síria possui uma complexidade na composição política, passando por sete presidentes entre 1961 a 1970. As potências que se uniram às regiões após a Segunda Guerra Mundial (1939- 1945) têm grande impacto nos fatores críticos sofridos pela região. A antiga União Soviética, atual Rússia, firmou relações com a Síria e, ao mesmo tempo, os Estados Unidos reforçou aliança com Israel. (ZAHREDDINE, 2013). “Há no conflito sírio a convergência das disputas de poder entre as potências regionais do Oriente Médio - Irã, Arábia Saudita, Turquia - com as disputas de poder entre as potências mundiais - EUA e Rússia -” (MORAIS; ALENCAR, 2018, p. 12)

Dessa forma, a crise atual consiste em um conflito entre as forças internas e externas, tendo como objetivo a fragmentação do território sírio até hoje estabelecido, com cada povo buscando sua própria emancipação. “O governo sírio luta contra sua dissolução e pela retomada da unidade territorial.” (MORAIS; ALENCAR, 2018, p.12,)

Além da busca pela emancipação, a sociedade síria manifesta também uma insatisfação contra o governo do presidente Bashar al-Assad, fator que foi crucial para os conflitos existentes.

A reivindicação de parcela da população por reformas constitucionais que favorecessem uma maior abertura política do país recebeu como resposta um sonoro não, que ao passar dos meses se transformou em uma guerra civil. (ZAHREDDINE, 2013, p.6)

Foi em 2015 que o governo russo começou a ter mais participação na crise da Síria, fator que transformou o conflito.

[...] o apoio russo era financeiro e no fornecimento de armas ao governo sírio. A partir de setembro de 2015 passa a ocorrer uma intervenção direta das forças armadas russas através de uma série de ataques aéreos contra alvos inimigos do governo de Bashar al-Assad. O rumo do conflito é completamente modificado a partir da intervenção direta russa, ao passo que as severas perdas territoriais sofridas pelo governo sírio para os rebeldes e grupos

fundamentalistas, aos poucos começaram a ser revertidas pelas forças armadas sírias em conjunto com a milícia pró- governo NDF e aliados como Hezbolah e Irã. (MORAIS; ALENCAR, 2018, p.9)

Prestes a completar sete anos de conflito, a Síria vem sofrendo com suas perdas e guerras. Segundo a reportagem do portal O Globo “Em sete anos, guerra da Síria já tem mais de 511 mil mortos”<sup>2</sup>, o Observatório Sírio dos Direitos Humanos afirma que há um total de aproximadamente 511.000 mortos na guerra civil da Síria, o conflito elevou também os números de refugiados, que partem de sua região em busca de recomeço, oportunidades e paz.

Nesse sentido, o termo refugiado está associado à pessoa ou grupos de pessoas que em situações de riscos tiveram que optar em abandonar seus locais de origem. Lima (2015, p.574) explica esse movimento como uma busca de direitos. “É uma alternativa para alcançar proteção e retornar o exercício dos direitos e garantias fundamentais, devidamente acobertados dos temores e ofensas que outrora os acometiam.”

É importante destacar a diferença entre os termos “refugiado” e “deslocado internamente”, pois ambos geram dúvidas na sociedade por seus motivos serem parecidos, porém o deslocado internamente se caracteriza por não sair do seu Estado.

Apesar de os motivos da fuga ou abandono do local habitual de residência em ambas as situações (refugiados e deslocados internos) serem, muitas vezes, os mesmos, há a diferença de, no caso dos deslocados internos, não chegar a haver uma fuga para outro Estado, o que impossibilita o enquadramento destas pessoas no âmbito de proteção do estatuto legal de refugiado. (SANTOS, 2012, p.12)

Para a proteção desses refugiados, foi aprovada, em 28 de julho de 1951, a Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, que preza os direitos e deveres daqueles que obtêm o status de refugiados.

Os instrumentos normativos precedentes não traziam em seu bojo qualquer conteúdo de cunho universal, isto é, a concepção de quem seria refugiado era construída caso a caso, a partir de um critério ad hoc, sendo aplicáveis apenas aos grupos rigidamente delimitados de acordo com uma determinada nacionalidade, como, por exemplo, aos refugiados armênios. A Convenção de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados trouxe a definição do instituto do refúgio, além de estabelecer subsídios e regras de aplicação, devendo-se fazer menção aos dispositivos que versam sobre o Estatuto Pessoal do Refugiado, documentos de identificação e viagem e ainda, as cláusulas de exclusão e cessação do refúgio. (LIMA, 2015, p. 576)

Essa Convenção limitou os direitos em duas situações: uma limitação temporal, na qual os direitos somente se aplicavam às vítimas de perseguição antes de 1951 e uma limitação geográfica que favorecia as situações que ocorriam na Europa. (LIMA, 2015)

---

2 O GLOBO. Em sete anos, guerra da Síria já tem mais de 511 mil mortos. Publicado em: 12/03/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/em-sete-anos-guerra-da-siria-ja-tem-mais-de-511-mil-mortos-22479399>>. Acesso em 02 fev.2018

Para reparar essas limitações que não atendiam todos os refugiados, foi aprovado, em 31 de janeiro de 1967, o Protocolo Adicional à Convenção sobre Refugiados, em Nova Iorque, passando a vigorar em 04 de outubro do mesmo ano, se tornando a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. “Esse instrumento normativo eliminou a reserva temporal constante no texto primário da Convenção, alargando a extensão e o alcance da definição.” (LIMA, p. 577, 2015).

Mas para obter a proteção é necessário que seja reconhecido na pessoa o status de refugiado, através do item c, do Parágrafo 1º, do Artigo 1º, da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Para ser reconhecido se deve avaliar alguns pontos decisivos e a perseguição é considerada o ponto cardeal ao instituto do refúgio, pois é um fator determinante que induz pessoas e grupos familiares a procurar amparo em outros países. De acordo com LIMA (2015, apud. RAIOL, 2010, p.580). “Assim, a perseguição pode ser entendida como qualquer lesão a direitos reconhecidos na ordem internacional e consagrados nos documentos internacionais voltados à proteção dos direitos humanos.”

A perseguição pode ser o resultado de fatores distintos e que se enquadram para se obter o status de maneira determinante, sendo eles: motivo racial, nacionalidade, opinião política, motivos religiosos e pertencente a determinado grupo social. (LIMA, 2015)

A partir da comprovação de um de mais fatores citados acima, a pessoa ou um grupo de pessoas passa a ter então o status de refugiados, recebendo direitos e deveres que deverão ser respeitados.

Ao serem considerados refugiados, passam a ter obrigações como o respeito às leis do país que os acolhe e que lhes assegura asilo seguro, proteção e acesso aos mesmos direitos e assistência básica que qualquer residente estrangeiro legalizado pode ter. (SANTOS, 2012, p.11)

Com relação à crise da Síria, o fator de perseguição que mais se enquadra é a que diz respeito à perseguição por motivos religiosos, já que a composição territorial sírio é dividido em diferentes etnias, povos e cultura, como já mencionado, desse modo os grupos maiores acabam atingindo e perseguindo as minorias.

A escolha de receber refugiados parte de cada país. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os países que mais receberam sírios desde o início da guerra são nações árabes, de maioria islâmica. Entre os seis países que mais receberam os refugiados estão: Turquia (maioria islâmica) com 2,5 milhões, Paquistão (maioria islâmica) com 1,6 milhão, Líbano (maioria islâmica, mas com expressiva minoria cristã) com 1,1 milhão, Irã (maioria islâmica) com 979 mil, Etiópia (maioria cristã) com 736 mil e a Jordânia com 664 mil. (ONU, 2017)

Devido às perseguições e os conflitos, adultos, crianças e famílias partem em busca de oportunidades e direitos, mas são as crianças que devem ter uma atenção e cuidado maior.

Para entendermos os direitos de uma criança e sua posição no mundo, devemos

compreender primeiro sua definição, que segundo o artigo 1º da Convenção dos Direitos das Crianças diz que “crianças é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”.

Com relação às crianças, há um fator de reconhecimento para status de refugiado, sendo esse o que considera a criança “pertencente de um determinado grupo social”.

Sendo a Convenção de 51 o documento que define “refugiado”, estabelecendo também os seus direitos, seria também nesta Convenção que, presumivelmente, se poderia encontrar uma definição de criança refugiada. No entanto, ao consultar este diploma, verifica-se, como já referimos, que não existem disposições especiais sobre o reconhecimento do estatuto de refugiado a menores, sendo, portanto, de concluir, que a Convenção se aplica às crianças refugiadas enquadrando-as num dos grupos que se encontram previstos na definição de refugiado, tendo em conta, mais concretamente, a parte da definição que diz “...pertença a determinado grupo social...” que engloba, entre outros, mulheres, crianças, vítimas ou potenciais vítimas de tráfico, crianças e mulheres vítimas de violência doméstica, crianças vítimas de exploração sexual/prostituição. A definição engloba também as crianças refugiadas desacompanhadas, sendo estas as que estão separadas de ambos os pais ou outros familiares e que não estão sob o cuidado de nenhum outro adulto que esteja encarregado, por lei ou costume, a responsabilizar-se pela criança. (SANTOS, 2012, p. 16, 17)

O fato dessas crianças, principalmente as desacompanhadas, terem que deixar seu lar passando a enfrentar as travessias até chegar a um país que os recolha, implica em muitos riscos e desafios. Para Santos (2012), entre os desafios, estão a garantia de direitos fundamentais e das necessidades básicas, além da determinação do estatuto de refugiado e a escolha da melhor solução duradoura. A autora aponta ainda a dificuldade em se obter o registo civil para essas crianças, devido à falta de meios, o que, por sua vez, impede o acesso e inclusão da criança em programas de proteção. As consequências desses riscos podem ser muitos, da falta de segurança da criança no país de asilo às condições de trabalho forçado, exploração, abuso sexual, recrutamento forçado para forças armadas ou milícias, rapto, tortura, entre outros abusos. (SANTOS, 2012, p.18)

Com o desenrolar do conflito sírio, o aumento das crises e das tragédias envolvendo os refugiados, muitos deles com crianças, como no caso do Aylan Kurdi, as notícias nos veículos de comunicação sobre esse tema se propagaram, trazendo reportagens e artigos de opinião sobre o tema.

Dessa forma, se faz necessário compreender como o portal CartaCapital retrata a situação presente das crianças sírias refugiadas, respeitando seus limites éticos e despertando nos leitores o interesse para debater assuntos de relevância social.

### **3 | CARTACAPITAL**

A revista Carta Capital, de segmento noticioso e informativo, fundada em 1994 pelo jornalista Mino Carta, criador das revistas “Quatro Rodas”, “Veja”, “IstoÉ” e do extinto

“Jornal da República”, é uma revista de circulação semanal pela Editora Confiança. Desde seu início traz como missão a prática do jornalismo, buscando transmitir a verdade factual dos acontecimentos. (CARTACAPITAL, 2017)<sup>3</sup>

As tecnologias mudam os meios, não a mensagem. O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Persegue incansavelmente a verdade factual. Respeita a inteligência de quem lê, ouve ou assiste. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade. (MANIFESTO, CARTACAPITAL)<sup>4</sup>

Seu posicionamento crítico em frente às grandes notícias é o que a diferencia frente a suas concorrentes, como por exemplos as revistas “Veja” e “Isto É”. Para Almeida, Rodrigues e Felz (2015), a revista foi criada como uma alternativa às revistas dominantes no mercado e assumiu uma postura de maior análise crítica.

Além do posicionamento crítico, a revista também assume um posicionamento político ideológico, pois procura dar sempre uma visão diferente da apresentada pela grande mídia. “Por isso, muitas vezes é acusada de realizar jornalismo partidário pró-governo petista. A linha editorial da revista é assumidamente esquerdista.” (ALMEIDA; RODRIGUES; FELZ, 2015, p. 5)

Dessa maneira, o jornalista Mino Carta idealizou a revista buscando trazer qualidade aos leitores e despertar o espírito crítico frente aos acontecimentos.

Qualidade é indispensável quando objetivo é respeitar a audiência, na exposição da verdade factual, na fiscalização isenta do poder e na melhor lida com o vernáculo, diariamente aviltado por quem não sabe entende que jornalismo é uma forma importante e desafiadora de literatura. E no exercício do espírito crítico como motivador de vida inteligente. Nada disso resulta na intenção de impor ideias, e sim de estimular o espírito crítico dos próprios leitores na elaboração de opiniões independentes, do pensamento nosso ou de quem que seja. (CARTACAPITAL, 2016, p.3)

Com o crescimento do meio digital, a CartaCapital se deparou com novos desafios, como a mudança no consumo da informação pela audiência e o surgimento de novos portais de notícias. Já, em 1999, a revista passou a manter um site, porém foi em 2013 que começou sua história online.

Na internet, seguimos firmes na linha editorial progressista e transparente que consagrou a revista, de olho na sensível questão dos direitos humanos e abrindo espaços para causas nem sempre contempladas pela imprensa brasileira. Essa postura rendeu frutos. O engajamento dos leitores e o alcance de nosso conteúdo digital superam veículos jornalísticos bem maiores. Todos os nossos números não param de crescer. (MÍDIA KIT, 2016, p.17)

Para chegarmos até as seleções das reportagens, foi acessado o menu na opção

---

3 CartaCapital, Manifesto, disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>>. Acesso em 15 set. 2017.

4 CartaCapital, Manifesto, disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>>. Acesso em 15 set. 2017.

internacional e digitado no campo “buscar no site” as seguintes palavras chaves: crianças e refugiadas.

Através da pesquisa foram selecionadas as reportagens que farão parte deste trabalho de pesquisa. Todas as reportagens possuem um padrão semelhante de layout, ou seja, a diagramação do conteúdo. Apresenta fotos e utilizam elementos jornalísticos, como: chapéu ou retranca, que é o nome da editoria normalmente localizado no canto superior da reportagem; a linha fina, um subtítulo abaixo do título com mais informações sobre o assunto; entretítulos, título para subdividir o assunto usado normalmente em reportagens extensas e entre outros. (ALI, 2009)

O portal CartaCapital também utiliza conteúdos de agência de notícias<sup>10</sup>, como por exemplo a Agência Brasil e Deutsche Welle, cujas reportagens fazem parte dessa pesquisa.

## 4 | ANÁLISE DE CONTEÚDO

A Análise de Conteúdo busca descrever e interpretar o conteúdo de produções, procurando atingir uma maior compreensão de seus significados além dos resultados obtidos em uma leitura comum. (MORAES, 1999)

Bardin (1977, p.9) define essa metodologia como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.”

Para realizar essa prática metodológica há três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A análise foi feita a partir do método de categorização, que conforme Laurence Bardin (1977, p.116) explica “a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

As categorias e suas subcategorias analisadas para a obtenção de resultado nessa pesquisa são as seguintes: representação do sujeito infantil (subcategorias crianças menores, inocentes e pequenos), crise migratória (subcategorias refugiados, deslocados, imigrante e migrantes), problemas enfrentados (subcategorias estresse, medo, suicídio, sofrimento, trauma e exploração) e fonte (subcategorias fonte organizacional e fonte individual).

As reportagens analisadas são as seguintes:

- “Síria: há mais crianças refugiadas do que na escola, mostra ONU”, reportagem da Agência Brasil – 29/11/2013;
- “As feridas emocionais das crianças refugiadas”, reportagem de Deutsche Welle - 12/11/2015;
- “Crianças representam metade dos refugiados”, reportagem da Deutsche Welle – 07/09/2016;



- “Um brasileiro dá voz a crianças refugiadas na Europa”, por Rodrigo Casarin – 01/02/2017;
- “Síria vive crise de saúde mental infantil, diz estudo”, reportagem da Deutsche Welle – 07/03/2017.

## 5 | RESULTADOS

Todas as categorias se enquadraram nas cinco reportagens analisadas, porém a que teve maior representação, devido ao fato de ter um resultado de 56 índices localizados entre as subcategorias, foi a categoria “Representação do sujeito infantil”.

Em seguida temos a categoria “Crise migratória”, com um total de 31 índices entre as suas subcategorias. As categorias “Problemas enfrentados” e “Fonte” foram as que tiveram menos destaques, sendo o total de índices respectivamente 19 e 13.

Na categoria “Representação do Sujeito Infantil”, pudemos analisar que a subcategoria “crianças” foi a mais evidente, com um total de 44 repetições, além de estar presente nas cinco reportagens analisadas. A subcategoria “menores” esteve presente em três reportagens analisadas, porém teve um total de 10 repetições. As subcategorias “inocentes” e “pequenos” aparecerem apenas em uma reportagem cada uma.

A subcategoria “refugiados” foi a mais evidente na categoria “Crise migratória”, aparecendo 24 vezes nas cinco reportagens analisadas. Após ela, a que mais se destacou a subcategoria “migrantes”, aparecendo em duas reportagens e com um total de 4 repetições. A subcategoria “deslocados”, apareceu também em duas reportagens, mas teve um total de 2 repetições. Por último, temos a subcategoria “imigrantes”, que foi identificada apenas 1 vez em uma reportagem.

Na categoria Problemas Enfrentados, a subcategoria que mais aparece, com 6 repetições é a “estresse”. Essa subcategoria está presente em duas reportagens das cinco analisadas. E em uma delas foi possível identificá-la cinco vezes.

As subcategorias “exploração”, “sofrimento” e “trauma” tiveram o mesmo resultado de 3 repetições. Porém a subcategoria “exploração” aparece em três reportagens e a subcategoria “sofrimento” em duas. Enquanto a subcategoria “trauma” aparece apenas em uma reportagem, porém é identificada três vezes. Com um resultado de 2 repetições temos as duas últimas subcategorias “medo”, aparecendo uma vez em duas reportagens; e a subcategoria “suicídio” aparecendo duas vezes em uma reportagem.

Na nossa última categoria, nomeada Fonte, chegamos ao resultado de que a subcategoria “fonte organizacional” se sobressai com 8 repetições sobre a subcategoria “fonte individual”, que aparece apenas 5 vezes.

A subcategoria “fonte organizacional” aparece em todas as cinco reportagens analisadas e a subcategoria “fonte individual” aparece em apenas uma, sendo destacada cinco vezes no conteúdo da reportagem. Nessa reportagem, a “fonte individual” são as

crianças refugiadas e voluntários da área de saúde e psicologia.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das reportagens e dos resultados obtidos pelo método de categorização, podemos identificar que o portal CartaCapital apresenta uma definição sobre o sujeito infantil em suas reportagens como “criança”, já que o termo aparece 44 vezes nas reportagens estudadas.

Em relação à definição sobre a pessoa que enfrenta uma crise migratória, o portal CartaCapital utiliza o termo “refugiados”, presente nas cinco reportagens analisadas, com uma total de 24 repetições.

Identificamos ainda que o portal CartaCapital constituiu as reportagens com maior espaço à “fonte organizacional”, que sobressai em relação à “fonte individual”. Compreendemos, dessa forma, que para tratar sobre a situação das crianças refugiadas, a CartaCapital busca dados de organizações, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Fundo das Nações Unidas para a infância (Unicef), não recorrendo às próprias crianças que estão passando por esse processo.

Isso pode ocorrer por motivos distintos: a dificuldade para entrar em contato com as crianças, a proteção das mesmas, e até mesmo o receio delas serem exploradas pela mídia em um momento delicado como a crise da Síria.

Mesmo não recorrendo às crianças como fonte, a CartaCapital busca expressar a verdade factual sobre os problemas que essas crianças enfrentam durante a crise. A categoria “problemas enfrentados” é identificada em todas as cinco reportagens, sendo a subcategoria “estresse” a mais marcante, aparecendo seis vezes entre as reportagens.

É importante ressaltar, mesmo não sendo uma categoria em análise, a CartaCapital não transforma em notícia apenas os desastres que ocorrem com as crianças, como o caso do menino Aylan Kurdi, encontrado morto, devido uma travessia de refugiados, em uma praia da Turquia.

As cinco reportagens analisadas tratam de problemas recorrentes à guerra na Síria, sendo esses a falta de escolaridade, a saúde mental, as perdas, os medos e o futuro tão temido para essas crianças.

Consideramos, por fim, que a CartaCapital trata o sujeito infantil como criança, representando o indivíduo que enfrenta a crise migratória como refugiado e busca através de fontes organizacionais expressar os problemas que as crianças refugiadas enfrentam decorrente ao conflito sírio.

Acreditamos, através das análises e da conclusão dessa pesquisa, que contribuiremos com os profissionais de jornalismo e com a sociedade, mostrando a importância de analisar a problemática dessas crianças refugiadas.

Além disso, acreditamos que através dessa pesquisa possamos entender, respeitar

e propagar a importância desse assunto que necessita de mais atenção e cuidado quando se torna um tema midiático, necessitando de respeito nas abordagens e ética na produção de conteúdo.

## REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. Editora Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP.

ALMEIDA, Vitor et al. **Análise do conteúdo jornalístico da revista CartaCapital**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1940-1.pdf>. Acesso em 28 setembro 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Brasil, 1994.

CAPITAL, Carta. **Manifesto**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>. Acesso em 15 novembro 2017.

CAPITAL, Carta. **Mídia Kit 2016**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital/MIDIAKITCARTACAPITAL2015.pdf>. Acesso em 10 novembro 2017.

CARTA, Manuela. **Os novos sócios da CartaCapital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/924/os-novos-socios-de-cartacapital>. Acesso em 10 novembro 2017.

CASARIN, Rodrigo. **Um brasileiro da voz as crianças refugiadas na Europa**. Publicado em 01/02/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/936/um-brasileiro-da-voz-a-criancas-refugiadas-na-europa>. Acesso em 05 outubro 2017.

CHACRA, Gustavo. **“Quais países recebem mais refugiados no mundo?”**. Publicado em 01/02/2017. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/quais-paises-recebem-mais-refugiados-no-mundo/>. Acesso em 06 abril 2018.

DRIGO, Maria; SOUZA, Luciana. **Imagem e política: o caso da imagem fotojornalística de AylanKurdi**. Disponível em: <http://seer.utp.br/index.php/i/article/view/547/489>. Acesso em 15 setembro 2017.

FONSECA, Aurora (1999), **A Convenção dos Direitos da Criança e a legislação portuguesa, Civitas**.

GLOBO, O. **Em sete anos, guerra da Síria já tem mais de 511 mil mortos**. Publicado em: 12/03/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/em-sete-anos-guerra-da-siria-ja-tem-mais-de-511-mil-mortos-22479399>. Acesso em 02 fevereiro 2018

LIMA, Wesley. **O direito ao refúgio e à tutela dos direitos humanos na sociedade contemporânea**. 2015. Faculdade Dom Bosco. Curitiba. Disponível em: <file:///C:/Users/Inspirion/Downloads/89-91-1-PB.pdf>. Acesso em 14 setembro 2017.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Disponível em: [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html). Acesso em 10 out.2017. Acesso em 14 outubro 2017.

MORAIS, Ana; ALENCAR, Renan. **A Guerra na Síria e a luta pela unidade territorial**. Disponível em: <http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/202>. Acesso em 17 março 2018.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **Qual a diferença entre ‘refugiados’ e ‘migrantes’**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>. Acesso em 19 maio 2018.

REDAÇÃO, Carta. **Entenda as mudanças no site de CartaCapital**. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tecnologia/entenda-as-mudancas-no-site-de-cartacapital>. Acesso em 10 nov. 2017.

SANTOS, Ana Carolina Carvalho. **Crianças Refugiadas: O Princípio do melhor interesse da criança**. 2012. 59f. Dissertação (Especialização em Direito Penal). Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13325/1/TESE%20Ana%20Carolina%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 15 setembro 2017.

WELLE, Deutsche. **A foto de menino Aylan e o poder das imagens**. Publicado 10/09/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/a-foto-do-menino-aylan-e-o-poder-das-imagens-9036.html>. Acesso em 15 setembro 2017.

WELLE, Deutsche. **As feridas emocionais das crianças refugiadas**. Publicado 12/11/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/as-feridas-emocionais-das-criancas-refugiadas-8494.html>. Acesso em 15 setembro. 2017.

WELLE, Deutsche. **Crianças representam metade dos refugiados**. Publicado 07/09/2016. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/internacional/criancas-representam-metade-dos-refugiados>. Acesso em 15 setembro. 2017.

WELLE, Deutsche. **Síria vive crise de saúde mental infantil, diz estudo**. Publicado 07/03/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/siria-vive-crise-de-saude-mental-infantil-diz-estudo>. Acesso em 02 fevereiro. 2018.

ZAHREDDINE, Danny. **A crise na síria (2011-2013): uma análise multifatorial**. 2013. Revista Conjuntura Austral. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/43387>. Acesso em 18 mar. 2018.